

## **POBREZA E DESIGUALDADE NA FAVELA: PESQUISA ETNOGRÁFICA EM FAVELA CARIOCA**

**Aluna: Júlia Moulin Souto**  
**Orientadora: M. Sarah da Silva Telles**

### **Introdução:**

A pesquisa teve início em agosto de 2008 e está em andamento. Trata-se de um olhar sociológico sobre a experiência etnográfica que procura identificar como vivem os indivíduos da maior categoria social do país, “os pobres”.

Na sociedade brasileira percebemos uma discriminação dos indivíduos moradores de favela, um senso comum construído pelos formadores de opinião, principalmente pelas mídias, onde há uma generalização de um grupo de pessoas que, por morarem em um local segregado, vivem uma realidade diferente, o que tem aberto espaço para essas interpretações equivocadas. No Rio de Janeiro, devido a sua geografia, onde o “morro” e o “asfalto” se misturam, essa questão é ainda mais evidente.

Com o intuito de criar um panorama mais real optamos por escolher uma favela de cada região da cidade para assim fazer esse mapeamento. Através de entrevistas sobre as trajetórias de vida das famílias moradoras das favelas do Rio de Janeiro, buscamos uma maior compreensão da desigualdade brasileira, uma das características de nossa sociedade.

### **Objetivos:**

A pesquisa pretende desmitificar o “favelado”, aprofundando o conhecimento sobre esses indivíduos e mostrar a grande heterogeneidade dentro desse grupo de moradores das favelas cariocas. Assim, por meio de uma pesquisa de campo tentamos identificar os costumes, modos de vida, lazer, ocupações, como se percebem e as diferenças entre eles mesmos, desde aqueles que se classificam como classe média, até os que vivem em uma pobreza extremada.

### **Desenvolvimento:**

Para desenvolver este projeto estamos fazendo um estudo de trajetórias familiares, através de entrevista aberta e observação participante, em uma favela de cada região da cidade do Rio de Janeiro (sul, norte, oeste e centro).

O trabalho consistiu na leitura da bibliografia específica e na pesquisa de campo. Iniciamos com a leitura e análise de dois artigos que abordavam algumas experiências de trabalhos etnográficos em grupos distintos, que tinham em comum o fato de viverem em locais periféricos e de serem de baixa renda. Os artigos de William Foote-Whyte[1] e de Ana Heye[2] foram ainda fundamentais para fornecer informações e propor abordagens possíveis para a investigação de campo. Paralelamente, estávamos discutindo por qual favela começaríamos o campo.

A primeira sugestão do texto de Foote-Whyte - o “indivíduo-chave” – foi determinante para a escolha de Rio das Pedras, já que nesta favela poderíamos contar com

um facilitador daquela rede social que viabilizaria o acesso, funcionando como o nosso “Doc”. A coordenadora do projeto havia realizado sua pesquisa de doutorado nesta favela.

A segunda parte do artigo de Ana Heye, por sua vez, reiterou a escolha do objeto de trabalho – os “favelados”, uma vez que, segundo esta autora, haveria uma ausência de interesse acadêmico – no caso, da antropologia - pelo espaço da favela ou por seus moradores, cuja visão está muitas vezes associada, no mínimo, à falta de “charme” e com frequência “à sujeira, desordem, ilegalidade, doença”.

Foi ainda Ana Heye que nos levou à terceira leitura da primeira parte do projeto – a familiarização com a etnografia -, na abordagem do conceito criado por DaMatta[3], o “Anthropological Blues”. Este antropólogo destaca a importância de estarmos preparados para o que não está nos livros, para o que está além da teoria e para o que pode nos surpreender, já que faz parte dessa experiência de campo conviver com sentimentos e emoções que extrapolam o estritamente profissional.

A segunda parte do trabalho foi focada na preparação das entrevistas, afinal íamos sair a campo e precisávamos saber como iríamos estabelecer contato. Neste sentido, foi fundamental o livro organizado por Bordieu[4], que reúne artigos de diferentes autores em pesquisas que se utilizam diretamente de entrevistas. Nesta obra, foi possível observar formas de conduzir as entrevistas, analisar as respostas e considerar os contextos.

A partir daí chegamos a um roteiro com questões que pudessem responder a indagações para nos ajudar a preencher algumas informações básicas como: origem familiar, escolaridade, trabalho, moradia e a auto-imagem no próprio grupo, e mesmo no plano de uma “sociedade carioca” que, ao mesmo tempo, permitisse a inserção de questões importantes para o entrevistado, ou mesmo para o grupo. A opção pela análise da trajetória familiar visa chegar a um panorama projetado por meio do olhar dos diferentes membros de cada família, e por diferentes gerações.

Estávamos quase prontos para ir a campo, mas afinal: para aonde iríamos? Que lugar era esse? Como se constituiu essa localidade? Quem são as pessoas que moram lá? Quando chegaram ali? Faltavam informações do contexto no qual iríamos trabalhar; para isso foi fundamental a leitura da experiência de professores do Departamento de Sociologia e Política da PUC-RIO que atuaram naquela comunidade e da leitura do artigo de Marcelo Burgos, em especial o capítulo “Favela, cidade, cidadania em Rio das Pedras”[5].

Identificamos nesse livro que essa favela da Zona Oeste surgiu na década de 60 como uma invasão, que vai ser regularizada pelo governo do estado na mesma década, 1969. Sua expansão - e conformação mais recente em seis subáreas - foi determinada por movimentos de “invasão” que foram negociados paulatinamente com os poderes públicos, sob a liderança da Associação de Moradores, com todas as ambigüidades de que é feito o processo de ocupação em território popular. O autor menciona a força de um mercado imobiliário interno, levanta a hipótese de que seria consequência da inexistência do tráfico na localidade, que tem uma população em torno de 40 mil habitantes (Censo de 2000). Outros fatores destacados são que essa ocupação é majoritariamente nordestina e que a exploração do território vai sendo realizada pelo aterramento de parte da Lagoa da Tijuca, principal local de expansão da favela.

Com as informações do contexto coletadas e com o roteiro elaborado, nos sentimos preparados para ir a campo e praticar a observação-participante, estabelecendo idas semanais, em duplas, e com a ajuda de nosso “indivíduo-chave”, Edileusa, entramos pela primeira vez em Rio das Pedras. Nas minhas primeiras idas, quando ainda não usávamos o gravador, o que sentia era um misto de ansiedade, preocupação e curiosidade. Será que eu

estou preparada? Vou conseguir conduzir uma entrevista? Vou enfrentar resistência? Como será que vivem as pessoas em Rio das Pedras? Como será o local?

No primeiro dia, assim que chegamos, mudei a imagem que tinha do lugar. No meu imaginário, por mais que a informação escrita prévia mencionasse o contrário, percebi que eu não estava livre dos estereótipos.

A sensação que tive assim que chegamos, vendo aquela “avenida” principal e que as casas existem ao longo dela para dentro, me lembrei daquelas cidadezinhas de beira de estrada. Sensação que logo deu espaço para a realidade: um lugar com um trânsito caótico, barulho de todos os tipos e lugares, muito empoeirado por conta do chão ser majoritariamente de terra, muito sujo, eu nem sequer vi alguma lixeira de rua. As construções das casas, uma colada na outra, com um crescimento vertical espantoso e feitas apenas de tijolo e cimento, pois algumas poucas exceções tinham acabamento das paredes externas. De um lado da avenida, um canal perpendicular que percorre toda a extensão de casas separando o espaço em duas partes. De fora para dentro fui identificando graus de menor e maior pobreza.

Nesse primeiro dia conhecemos algumas pessoas que moravam todas no Areal II e logo eu e a minha parceira já fomos para casa da família de Maria Liduina fazer a primeira entrevista, enquanto os outros estudantes se dirigiram ao Pantanal – subárea mais recente, avançando na Lagoa.

A casa dessa família é bem simples, toda de cimento, pequena e com poucos móveis, mas devido ao tamanho, os espaços estavam todos ocupados. Eles estavam descalços, o sapato fica do lado de fora, mas não nos deixaram tirar os nossos. Ficamos na sala, a porta fica sempre aberta. Era uma sala pequena com algumas cadeiras e um aparelho de tv; a sala era junto com a cozinha. Não vimos o resto da casa. De lá voltamos para encontrar as outras pessoas e fomos para casa.

No segundo dia nosso contato nos levou a outro lugar, o local onde estão morando as famílias vítimas do incêndio de agosto de 2006 e que ainda estão sem casa. Encontramos alguns barracos que foram construídos em um terreno vazio ao lado do grande supermercado da favela. Entre os barracos fica um banheiro e um tanque para todas as famílias. Os barracos são mínimos e construídos com pedaços de madeira. Tudo muito pobre. Ao olhar aquelas famílias, logo se percebe que estão passando por dificuldades. Entrevistamos uma mãe e saí de lá com o coração bem apertado.

Antes de ir embora, ainda entrevistamos outra menina, a casa dela era bem pequena, quarto-cozinha-banheiro, tudo junto, em um único cômodo.

Após estas primeiras idas a campo, retomamos a leitura de alguns capítulos da tese de doutorado de Inês Caetano Ferreira[6] voltada para a pesquisa de trajetória familiar, realizada em favela no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo.

Com essa leitura buscamos aprofundar o conhecimento sobre a abordagem da família e a referência à análise dos conteúdos das entrevistas, que se aproximavam do recorte que pretendíamos fazer em nosso trabalho. Segundo a autora, que cita Vera Telles, para os “indivíduos em condição de vulnerabilidade, a família assume vital importância, pois eles tendem a acionar os recursos do mundo privado – família, amigos, vizinhos – para superar as dificuldades, associadas às frágeis bases legais e materiais [...] É por meio da família que os indivíduos buscam organizar um mundo caótico marcado pelas instabilidades do mercado de trabalho, precariedade material..., típicos de uma vida vulnerável” (Inês Caetano, página 7).

Essa tese nos auxiliou em todos os aspectos, desde os procedimentos técnicos usados e descritos por ela, às entrevistas descritas na íntegra e a análise das entrevistas, servindo de modelo para enriquecermos nosso trabalho.

Assim que nos sentimos preparados novamente voltamos a campo, dessa vez com gravadores. Nosso objetivo, além de encontrarmos novas famílias, era o de aprofundar as conversas que já tínhamos começado.

Das três entrevistas já iniciadas, eu e minha parceira conseguimos retomar apenas uma, aquela da família da Claudia, que vive nos barracos.

Nessa experiência percebi a importância do Anthropological Blues conceituado por DaMatta em que temos que estar preparados para as emoções que surgem com o inesperado, o que não aprendemos nos livros. O lugar de moradia dessa família – mínimo e profundamente precário - me remeteu também ao texto de Burgos quando ele fala que “A cidade ‘escassa’ começa na escassez da casa, ou melhor, na escassez de endereço, que é dizer mais, para quem vive fora dos limites da cidade formal” (pág. 21). A emoção que senti está de acordo com o que refletem os autores e leva em conta não só a condição precária da moradia, mas também o que isso implica: a condição desumana de vida.

Nosso grupo conseguiu realizar oito entrevistas, que vão sendo transcritas. A partir das entrevistas realizadas e transcritas, consigo levantar três questões que me parecem pertinentes para entrar no processo de análise e comparação do material do grupo.

A partir da entrevista de Edileusa, nosso indivíduo-chave, pude pensar a concepção de classe social naquele universo: a entrevistada, por morar em uma casa própria, tem dúvidas quanto ao enquadramento de sua situação econômica, em uma perspectiva de classes. Talvez por ser proprietária, e por há apenas um ano ter conseguido construir a casa em tijolo – antes era de madeira! - a entrevistada relativiza sua situação entre classe baixa e classe média. A maior parte dos indivíduos em seu entorno vive de aluguel, que são muito caros e por isso passam mais dificuldade, comparando-se com eles. Edileusa considera-se pertencendo à classe média. O que muda quando ela pensa nas “madames da zona sul”, quando pensa na sua relação com a entrevistadora. Sua fala inicial, interrompida pela chegada do filho, deixa evidente essa perspectiva:

**Entrevistador:** e como você considera a sua renda? Assim: classe media, baixa, alta, como você se vê?

**Edileusa:** classe media (nesse momento Thiago entra em casa) aí eu considero classe baixa.

**Entrevistador:** classe baixa ou média? Mas você tem uma casa própria...

**Edileusa:** é assim, eu tenho minha casa própria, porque quem paga aluguel aqui é muito difícil; para quem paga aluguel aqui, o aluguel é super caro, principalmente quem tem bastante criança, aí passa aperto, mesmo.

A definição genérica e externa do “favelado” que parece circunscrever todos os indivíduos numa massa uniforme de pobres sem hierarquias é de imediato posta em questão. Edileusa se vê diferente e provavelmente também é vista assim, e seu papel naquele grupo considera essa diferença.

Outro fator importante que pude levantar com a mesma entrevistada se refere ao que Burgos afirma: “As lideranças embora reiterem a velha tradição tutelar carioca, vivificada como se viu, pela prática da superposição entre o Poder Público e a Associação de Moradores, e pelo controle político a partir do território, acenam, por outro lado, para a

possibilidade de que habitantes de territórios informais venham a conhecer plena incorporação à vida mercantil, à individualização e, por aí, ao espaço de luta pela cidadania” (pág. 88). Assim, quando a Associação consegue para os moradores conquistas de serviços básicos como água e luz que, apesar de ser dever do Estado garantir a distribuição a todos sem discriminação e ele não o faz, o poder político exercido pelo grupo, mesmo tendo tradição tutelar e tendo o controle social e policial do território, é válido para os moradores e constitui a forma de se sentirem inseridos na cidade, mesmo que de forma subalterna. Esta percepção, bastante distante da concepção do Estado de Direito, ilustra algumas características deste universo popular, conforme trecho de uma entrevista a seguir:

**Entrevistador:** mas quem não liberava? Quem dava essas ordens?  
**Entrevistado:** a Associação, cada vez que tem eleição muda o presidente, o presidente que for mais forte mata o outro, e fica no lugar. Aí ele nessa época era um que invadiu conosco, mataram um, aí ele foi e invadiu isso aqui com a gente, a polícia vinha e derrubava, a gente levantava, derrubava, levantava...  
**Entrevistador:** então a invasão foi com o apoio da Associação?  
**Entrevistado:** foi, com o apoio do presidente da Associação, porque agora eles mudaram vários, porque cada vez assim que eles matam um, troca de presidente... E agora como mataram o Felix, ficou esse tal aí de Beto Bomba  
**Entrevistador:** e o Nadinho?  
**Entrevistado:** Nadinho? Ninguém vê mais ele, não  
**Entrevistador:** sumiu?  
**Entrevistado:** porque agora com a morte do Felix, culparam ele de novo, mas daqui uns tempos quem vai estar aqui de novo é ele, aqui só presta quando ele está na Associação.  
**Entrevistador:** quando ele está é melhor?  
**Entrevistado:** é  
**Entrevistador:** por que?  
**Entrevistado:** porque ele faz mais coisa, entendeu? É uma pessoa legal, tudo que a gente pede ele ajuda, ele pode ter os defeitos dele, ou mandar fazer os defeitos dele né, ninguém sabe, mas com a gente nunca teve problema, ele não, porque agora aqui está muito bom, mas antigamente nós dependíamos de água, de luz, essas coisas a gente dependia né, aqui a gente não paga água, não paga luz.  
**Entrevistador:** e tudo isso quem conseguiu foi o Nadinho?  
**Entrevistado:** é foi a Associação que conseguiu e ele foi quem ajudou a gente.

Outra questão que me chamou a atenção aparece em uma outra entrevista. A entrevistada conta de sua vinda recente do Ceará para cá, e as dificuldades que vêm enfrentando:

**Entrevistador:** Já está se acostumando?  
**M:** É tem que se acostumar de um jeito né, já que topou vir pra cá tem que tentar se adaptar o máximo que a gente pode, eu, pelo menos, faço isso, vou tentando me adaptar às coisas. Não que eu pretendo ficar aqui o resto da minha vida, porque sinceramente isso não está na minha mente, eu pretendo, como eu digo sempre, ficar 1 ano ou 2 está bom demais, mas assim, aqui é muito estranho, tudo deferente as coisas  
**Entrevistador:** Diferente em que sentido?

**M:** Tudo, médico, programa assim, saneamento, tudo é diferente do Ceará, porque lá, pelo menos, eu acho que tem mais organização do que aqui, um sistema assim de prefeitura trabalhar junto, aqui não sei nem quem trabalha na comunidades, entendeu?

**Entrevistador:** Lá é a prefeitura?

**M:** É a prefeitura mesmo, como coleta de lixo, porque eu acho aqui muito sujo.

**Entrevistador:** Aqui como funciona, no caso?

**M:** Aqui tem lixeira, bom, eu boto o meu na lixeira, mas o povo joga em qualquer lugar, você vê lixo em todos os cantos, no Ceará não, você tem o dia certo de colocar o lixo e o carro passa fazendo a coleta, são 3 dias, segunda, quarta e sexta-feira, aqui não. Em relação à escola aqui é tudo mais complicado, pra você conseguir uma vaga num colégio é horrível, pra mim conseguir vaga pro meu menino de 11, ele vai fazer 12 no final desse mês, eu tive que andar, mas andar mesmo, porque senão ele ia perder o resto do ano. Tive que ir na 7ª CRE, vocês conhecem né? É lá na Barra. Quando eu cheguei lá, elas me mandaram para um colégio lá na Barra, eu fui nesse colégio, andei, andei, andei de ônibus, aí quando eu fui nesse colégio a diretora de lá perguntou onde eu estava morando, eu disse que era em RDP, aí ela mesma viu que pra ele que era novato aqui, que tinha chegado do Ceará, ia ficar muito difícil ele se acostumar, porque tinha que pegar ônibus, ele não era acostumado. Com ela lá, ela ligou para o colégio aqui em RDP, aí me mandou eu vir e eu fiquei tentando, todo dia eu estava lá, todo dia eu estava lá, porque assim, tem criança que falta muito e por falta eles eliminam, assim: se tiver 50 faltas, eles já vão eliminando e botando aquelas pessoas que querem. Foi assim que eu consegui para o meu menino, através dela lá, ela se comunicou aqui aí eu fiquei todo dia de manhã eu ia perguntar se tinha uma vaga, aí eu consegui, graças a Deus eu consegui. Já estudou, já até passou, graças a Deus ele conseguiu acompanhar né, porque eu cheguei em julho do ano passado, então, ele pegou o resto do ano todinho, ele só passou um mês sem estudar aqui, mas em vista de pessoas que chegam a passar 2 meses, passam até o ano todinho sem conseguir uma vaga, então pra mim, assim, eu acho essas situações muito complicadas. Lá no Ceará não, eles garantem por lei o direito de casa criança estudar, então lá no Ceará a criança quando completa 4 anos de idade, ele tem por lei o direito de freqüentar

**Entrevistador:** Em que região do Ceará você morava?

**M:** Em Fortaleza mesmo, capital mesmo, aí eu acho aqui muito estranho, conversando com um vizinho que está aqui há mais tempo que eu, para a criança estudar aqui você tem que madrugar nas fila pra conseguir uma vaga e eu digo não, não vou passar por isso não, meu filho

**Entrevistador:** Eles todos dizem isso?

**M:** Todos, e tem pessoas que conseguem e tem pessoas que não conseguem, aí tem que ficar numa fila de espera para ver se é chamado. Eu digo, olha, aqui é tudo tão estranho, o meu menino quando fez 4 anos, ele fez 4 anos em maio, em janeiro eu já consegui garantir a matrícula dele pra ele começar a estudar, então ele nunca se atrasou no colégio, então eu acho aqui muito, muito, muito difícil, esse ano eu ia tentar creche pra ele aqui, quem foi que disse que eu consegui creche, pública não, tem muito particular, mas pública não tem não, porque não tem vaga, não tem vaga, eu ia tentar conseguir uma na Freguesia, mas só de passagem todo dia ia ter que ter R\$3,00, que é R\$1,50 pra ir e R\$1,50 pra voltar, aí você pensa, você gastar R\$1,50 todo dia, certo é bom, mas já é uma despesa de cento e pouco por mês aí eu digo não, se é assim eu prefiro ficar em casa.

**Entrevistador:** Mas tem alguma vantagem com relação ao RJ? Comparando assim o Ceará e o RJ?

**M:** menina, aqui em tudo o que você for trabalhar você trabalha, entendeu, lá no Ceará a dificuldade maior é trabalho, aqui não, fica parado se você quiser ficar, não é obrigado a você trabalhar só naquilo que você é focado a trabalhar.

Entrevistador: Aqui tem mais oportunidade?

**M:** Exatamente

Entrevistador: Aqui dentro mesmo em RDP ou fora?

**M:** Aqui mesmo

Entrevistador: Seu marido trabalha aqui?

**M:** Não, ele trabalha na Freguesia, mas é só essa vantagem que eu acho daqui, só trabalho, se você vier para trabalhar você trabalha, entendeu, mas noutras coisas eu acho que aqui precisa melhorar muito.

Ainda de acordo com Burgos, este processo seria intrínseco à condição atual da favela carioca, que ao mesmo tempo em que protege o pobre do abismo da miséria, completa por fornecer uma vasta opção de emprego para os indivíduos, já que é inserida em uma metrópole, o mantém refém de um sistema perverso que o exclui da polis. A cidade não está preparada para receber a nova população e fornecer os bens públicos essenciais para todos, como escola e hospitais. Resta comparar com a situação das favelas em Fortaleza, o que poderemos aprofundar na continuação de nossa análise.

Esta pesquisa está apenas no início de inúmeras possibilidades de análise. Apesar de ainda muito incipiente, o trabalho de campo já abre um leque amplo de análise para um aprendiz de sociólogo e acredito que possa levantar questões importantes que ajudem a quebrar tabus e estabelecer visões menos preconceituosas quanto aos moradores de favela, ao mesmo tempo em que contribuam para reverter a situação marginal desses territórios e seus habitantes. Com relação a essa primeira experiência de campo, me faz refletir sobre o papel que o sociólogo pode exercer com relação a mudanças não só teóricas, como de intervenção.

#### **Referências (bibliografia básica):**

1. FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante in ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
2. HEYE, Ana Margarete. A Questão da Moradia Numa favela do Rio de Janeiro ou Como ter Anthropological Blues Sem Sair de Casa in VELHO, Gilberto. *Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.
3. DAMATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” in NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar 1978.
4. BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
5. BURGOS, Marcelo Tadeu Baumann (org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
6. FERREIRA, Maria Inês Caetano. *Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite da Capital paulista*. Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 2004, mimeo.